

14. A SANTÍSSIMA TRINDADE: AS OBRAS E AS MISSÕES DIVINAS

249-267



INTRODUÇÃO

Tente imaginar a dificuldade de explicar a uma criança de cinco anos um problema de física quântica. Em sã consciência, ninguém cometeria a temeridade de sobrecarregar a inteligência de uma criança com uma matéria tão exigente. Sabemos que há uma desproporção muito grande entre o problema de física quântica e a inteligência da criança. Pois bem, entre a inteligência humana e o mistério da Trindade há uma desproporção infinitamente maior. Mesmo assim, o Catecismo não foge ao desafio de “balbuciar” algo sobre o mistério que Deus revela de Si mesmo. E que balbucio admirável na sua simplicidade e exatidão!

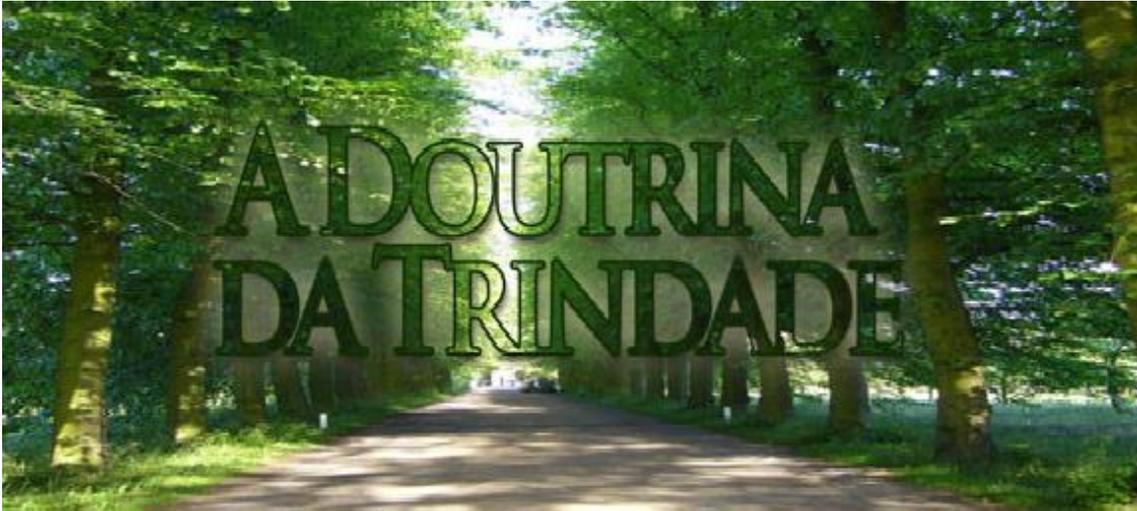
Vamos continuar estudando a doutrina trinitária. Mesmo que nem tudo seja fácil e acessível no primeiro momento, não desanime. Estamos diante do mistério de Deus: não basta a inteligência. É preciso mergulhar nesse mistério sustentados pela oração e pela contemplação. O estudo do Catecismo só é frutuoso para a vida de fé se, além da atividade intelectual, dedicarmos tempo para a oração pessoal, a celebração da liturgia e a prática da caridade.

TEXTO 249-267

SEGUNDA SEÇÃO: A PROFISSÃO DA FÉ CRISTÃ

CAPÍTULO I: CREIO EM DEUS PAI

Parágrafo 2: O Pai



III. A Santíssima Trindade na doutrina da fé

A FORMAÇÃO DO DOGMA TRINITÁRIO

249. A verdade revelada da Santíssima Trindade esteve, desde a origem, na raiz da fé viva da Igreja, principalmente por meio do Batismo. Encontra a sua expressão na regra da fé batismal, formulada na pregação, na catequese e na oração da Igreja. Tais formulações encontram-se já nos escritos apostólicos, como o comprova esta saudação retomada na liturgia eucarística: «A graça do Senhor Jesus Cristo, o amor de Deus e a comunhão do Espírito Santo estejam com todos vós» (2Cor 13,13; cf. 1Cor 12,4-6; Ef 4,4-6).

250. No decurso dos primeiros séculos, a Igreja preocupou-se com formular mais explicitamente a sua fé trinitária, tanto para aprofundar a sua própria inteligência da fé, como para a defender contra os erros que a deformavam. Foi esse o trabalho dos primeiros concílios, ajudados pelo trabalho teológico dos Padres da Igreja e sustentados pelo sentido da fé do povo cristão.

251. Para a formulação do dogma da Trindade, a Igreja teve de elaborar uma terminologia própria, com a ajuda de noções de origem filosófica: «substância», «pessoa» ou «hipóstase», «relação», etc. Ao fazer isto, a Igreja não sujeitou a fé a uma sabedoria humana, mas deu um sentido novo, inédito, a estes termos, chamados a exprimir também, desde então, um mistério inefável, «transcendendo infinitamente tudo quanto podemos conceber a nível humano» (Paulo VI, *Sollemnis Professio fidei*, 9: AAS 60 (1968) 437).

252. A Igreja utiliza o termo «substância» (às vezes também traduzido por «essência» ou «natureza») para designar o ser divino na sua unidade; o termo «pessoa» ou «hipóstase» para designar o Pai, o Filho e o Espírito Santo na distinção real entre Si; e o termo «relação» para designar o fato de que a sua distinção reside na referência recíproca de uns aos outros.



O DOGMA DA SANTÍSSIMA TRINDADE

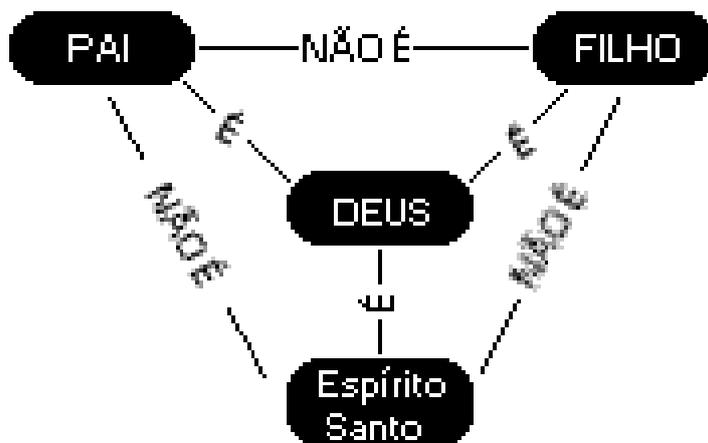
253. *A Trindade é una.* Nós não confessamos três deuses, mas um só Deus em três pessoas: «a Trindade consubstancial» (DS 421). As pessoas divinas não dividem entre Si a divindade única: cada uma delas é Deus por inteiro: «O Pai é aquilo mesmo que o Filho, o Filho aquilo mesmo que o Pai, o Pai e o Filho aquilo mesmo que o Espírito Santo, ou seja, um único Deus por natureza» (DS 530). «Cada uma das três pessoas é esta realidade, quer dizer, a substância, a essência ou a natureza divina» (DS 804).

254. *As pessoas divinas são realmente distintas entre Si.* «Deus é um só, mas não solitário» (DS 71). «Pai», «Filho», «Espírito Santo» não são meros nomes que designam modalidades do ser divino, porque são realmente distintos entre Si. «Aquele que é o Filho não é o Pai e Aquele que é o Pai não é o Filho, nem o Espírito Santo é Aquele que é o Pai ou o Filho» (DS 530). São distintos entre Si pelas suas relações de origem: «O Pai gera, o Filho é gerado, o Espírito Santo procede» (DS 804). *A unidade divina é trina.*

255. *As pessoas divinas são relativas umas às outras.* Uma vez que não divide a unidade divina, a distinção real das pessoas entre Si reside unicamente nas relações que as referenciam umas às outras: «Nos nomes relativos das pessoas, o Pai é referido ao Filho, o Filho ao Pai, o Espírito Santo a ambos. Quando falamos destas três pessoas, considerando as relações respectivas, cremos, todavia, numa só natureza ou substância» (DS 528). Com efeito, «n'Eles tudo é um, onde não há a oposição da relação» (DS 1330). «Por causa desta unidade, o Pai está todo no Filho e todo no Espírito Santo: o Filho está todo no Pai e todo no Espírito Santo: o Espírito Santo está todo no Pai e todo no Filho» (DS 1331).

256. São Gregório de Nazianzo, também chamado «o Teólogo», confia aos catecúmenos de Constantinopla o seguinte resumo da fé trinitária:

«Antes de mais nada, guardai-me este bom depósito, pelo qual vivo e combato, com o qual quero morrer, que me dá coragem para suportar todos os males e desprezar todos os prazeres: refiro-me à profissão de fé no Pai e no Filho e no Espírito Santo. Eu vo-la confio hoje. É por ela que, daqui a instantes, eu vou mergulhar-vos na água e dela fazer-vos sair. Eu vo-la dou por companheira e protetora de toda a vossa vida. Dou-vos uma só Divindade e Potência, uma nos Três e abrangendo os Três de maneira distinta. Divindade sem diferença de substância ou natureza, sem grau superior que eleve nem grau inferior que abaixe [...] É de três infinitos a infinita conaturalidade. Deus integralmente, cada um considerado em Si mesmo [...] Deus, os Três considerados juntamente [...] Assim que comecei a pensar na Unidade logo me encontrei envolvido no esplendor da Trindade. Mal começo a pensar na Trindade, logo à Unidade sou reconduzido» (PG 36,417).



IV. As obras divinas e as missões trinitárias

257. «O lux beata Trinitas et principalis Unitas! – Ó Trindade. Luz ditosa, ó primordial Unidade!» (*Hino das II Vésperas de Domingo*, nas semanas 2 e 4: *Liturgia Horarum*, editio typica, 3 [Typis Poliglottis Vaticanis Poliglottis Vaticanis 1974] p. 632 e 879). Deus é eterna bem-aventurança, vida imortal, luz sem ocaso. Deus é amor: Pai, Filho e Espírito Santo. Livremente. Deus quer comunicar a glória da sua vida bem-aventurada. Tal é o «mistério da sua vontade» (Ef 1,9) que Ele concebeu antes da criação do mundo em seu Filho muito-amado, uma vez que nos «destinou de antemão a que nos tornássemos seus filhos adotivos por Jesus Cristo» (Ef 1,5), quer dizer, a sermos «conformes à imagem do seu Filho» (Rm 8,29), graças ao «Espírito que faz de vós filhos adotivos» (Rm 8,15). Este desígnio é uma «graça que nos foi dada [...] desde toda a eternidade» (2Tm 1,9), a qual procede imediatamente do amor trinitário. E este amor manifesta-se na obra da criação, em toda a história da salvação depois da queda, e nas missões do Filho e do Espírito, continuadas pela missão da Igreja.

258. Toda a economia divina é obra comum das três pessoas divinas. Assim como não tem senão uma e a mesma natureza, a Trindade não tem senão uma e a mesma operação (DS 421). «O Pai, o Filho e o Espírito Santo não são três princípios das criaturas, mas um só princípio» (DS 1331). No entanto, cada pessoa divina realiza a obra comum segundo a sua propriedade pessoal. É assim que a Igreja confessa, na sequência do Novo Testamento, «um só Deus e Pai, de Quem são todas as coisas; um só Senhor Jesus

Cristo, para Quem são todas as coisas; e um só Espírito Santo, em Quem são todas as coisas» (DS 421). São sobretudo as missões divinas da Encarnação do Filho e do dom do Espírito Santo que manifestam as propriedades das pessoas divinas.

259. Obra ao mesmo tempo comum e pessoal, toda a economia divina faz conhecer não só a propriedade das pessoas divinas, mas também a sua única natureza. Por isso, toda a vida cristã é comunhão com cada uma das pessoas divinas, sem de modo algum as separar. Todo aquele que dá glória ao Pai, fá-lo pelo Filho no Espírito Santo: todo aquele que segue Cristo, fá-lo porque o Pai o atrai (cf. Jo 6,44) e o Espírito o move (cf. Rm 8,14).

260. O fim último de toda a economia divina é o acesso das criaturas à unidade perfeita da bem-aventurada Trindade (cf. Jo 17,21-23). Mas já desde agora nós somos chamados a ser habitados pela Santíssima Trindade: «Quem me tem amor, diz o Senhor, porá em prática as minhas palavras. Meu Pai amá-lo-á; Nós viremos a ele e faremos nele a nossa morada» (Jo 14,23):

«Ó meu Deus, Trindade que eu adoro, ajudai-me a esquecer-me inteiramente de mim, para me estabelecer em Vós, imóvel e pacífica como se já a minha alma estivesse na eternidade. Que nada possa perturbar a minha paz, nem fazer-me sair de Vós, ó meu Imutável, mas que cada minuto me leve mais longe na profundidade do vosso mistério! Pacificai a minha alma, fazei dela o vosso céu, vossa morada querida e o lugar do vosso repouso. Que nunca eu Vos deixe só, mas que esteja lá inteiramente, toda desperta na minha fé, toda em adoração, toda entregue à vossa ação criadora» (Beata Isabel da Trindade, *Élévation à la Trinité: Écrits spirituels*. M. M. Philipon (Paris 1949), p. 80. [*Escritos espirituais* (Oeiras, Edições Carmelo 1989) p. 327]).

Resumindo:

261. *O mistério da Santíssima Trindade é o mistério central da fé e da vida cristã. Só Deus pode dar-nos o seu conhecimento, revelando-Se como Pai, Filho e Espírito Santo.*

262. *A Encarnação do Filho de Deus revela que Deus é o Pai eterno, e que o Filho é consubstancial ao Pai, quer dizer que n'Ele e com Ele é o mesmo e único Deus.*

263. *A missão do Espírito Santo, enviado pelo Pai em nome do Filho (cf. Jo 14,26) e pelo Filho «de junto do Pai» (Jo 15 26), revela que Ele é, com Eles, o mesmo e único Deus. «Com o Pai e o Filho é adorado e glorificado».*

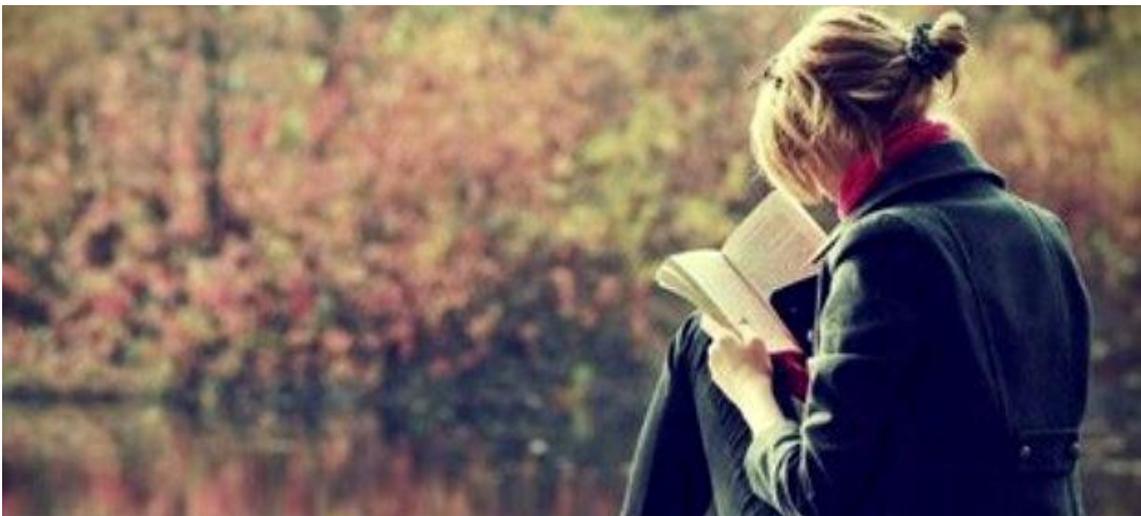
264. *«O Espírito Santo procede do Pai enquanto fonte primeira; e, pelo dom eterno do Pai ao Filho, procede do Pai e do Filho em comunhão» (Santo Agostinho, *De Trinitate* 15, 26, 47: CCL 50A, 529).*

265. *Pela graça do Batismo «em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo», (Mt 28, 19), somos chamados a participar na vida da Trindade bem-aventurada; para já, na obscuridade da fé, e depois da morte na luz eterna (Paulo VI, *Sollemnis Processio fidei*, 9: AAS 60 (1968) 436).*

266. *«Fides autem catholica haec est, ut unum Deum in Trinitate, et Trinitatem in unitate veneremur, neque confundentes personas, neque substantiam separantes; alia*

enim est persona Patris, alia Filii, alia Spiritus Sancti: sed Patris et Filii et Spiritus Sancti una est divinitas, aequalis gloria, coaeterna majestas (DS 75) – *A fé católica é esta: venerarmos um só Deus na Trindade e a Trindade na unidade, sem confundir as Pessoas nem dividir a substância: porque uma é a Pessoa do Pai, outra a do Filho, outra a do Espírito Santo; mas do Pai e do Filho e do Espírito Santo é só uma a divindade, igual a glória e coeterna a majestade*».

267. *Inseparáveis no que são, as pessoas divinas são também inseparáveis no que fazem. Mas, na operação divina única, cada uma manifesta o que Lhe é próprio na Trindade, sobretudo nas missões divinas da Encarnação do Filho e do dom do Espírito Santo.*



REVISANDO TEMAS

1. Missões trinitárias

Os parágrafos 257-260 tratam sobretudo do tema das missões trinitárias. Para aprofundar esse tema, deixemo-nos guiar por um texto muito rico da Carta aos Gálatas.

Quando, porém, chegou a plenitude do tempo, enviou Deus o seu Filho, nascido de uma mulher, nascido sob a Lei, para remir os que estavam sob a Lei, a fim de que recebêssemos a adoção filial. E porque sois filhos, enviou Deus aos nossos corações o Espírito de seu Filho, que clama: Abba, Pai! (Gl 4,4-6).

Convém observar de imediato que esse texto da Carta aos Gálatas não discorre sobre a doutrina da Trindade, mas simplesmente proclama o fato admirável da revelação do Mistério de Deus na história Salvação. Esse caráter de proclamação e de confissão, no entanto, não impede que possamos tirar do texto muitos elementos preciosos para o desenvolvimento doutrinal.

Para facilitar a compreensão, procure, depois de ter lido e refletido os parágrafos 257-260 do catecismo, aprofundar os pontos que se seguem.

1. São Paulo narra em poucas e densas palavras que, num determinado lugar e tempo (“a plenitude do tempo”), veio Jesus de Nazaré, que se revelou como um **homem enviado de Deus** (“nascido de mulher, nascido sob a Lei”) e, ao mesmo tempo, como **Filho de Deus**, como Alguém **distinto e igual** ao Pai (por isso foi enviado “para remir os que estavam sob a Lei”).

Os discípulos e os Apóstolos de Jesus descobriram que Ele é, de fato, um enviado de Deus, mas que esse enviado se revelou também Filho e Deus em pessoa, capacitado, portanto, a nos dar “a adoção filial”.

2. São Paulo ainda acrescenta que Deus enviou o “Espírito de seu Filho”, anunciando-o como um “**Outro**” distinto e unido a Deus Pai e ao Filho. Em outras palavras: o Espírito Santo é um **Outro tão consistente e divino** como o Filho e o Pai.

3. A partir desses dados, que Paulo apresenta, chegamos portanto ao conhecimento dos **Três distintos e intimamente unidos**: Um enviou ao mundo os Outros dois. Como podemos notar, não se trata de uma revelação teórica ou didática, mas da confissão e do testemunho de um **mistério de doação real acontecida na história**.

4. O texto paulino fala claramente de *duas missões salvadoras* (no catecismo “missões trinitárias): o Filho e o Espírito Santo **foram enviados** por Deus Pai. Essas duas missões trinitárias têm **a mesma origem** (Deus Pai) e **o mesmo fim** (a nossa filiação adotiva). A unidade das duas missões não é expressa somente nesse paralelismo, mas também na própria palavra usada para indicar tanto o envio do Filho quanto do Espírito (em grego: *exapésteilein*).

5. Além de terem a mesma origem e a mesma finalidade, as duas missões trinitárias estão em *mútua relação*. Deus Pai toma a **iniciativa** em enviar Jesus, seu Filho, **ao mundo**, e em enviar o Espírito de seu Filho **aos nossos corações**. O amor de Deus pelos homens é **a única razão** do envio do Filho: “Nisto se manifestou o amor de Deus por nós: Deus enviou o seu Filho único ao mundo para que vivamos por ele” (1Jo 4,9; cf. Jo 3,16).

6. As características dessas duas missões (que tem a mesma origem e a mesma finalidade) são bem *distintas*. A missão do Filho coincide com a sua **encarnação** para assumir e partilhar a vida dos homens (“enviado no tempo e nascido de mulher, nascido sob a Lei”). Porque consiste na entrada do Verbo eterno na história humana, a sua missão é marcada pela **visibilidade**, ou seja, é um **acontecimento pontual e circunscrito no tempo e no espaço**.

7. A missão do Espírito, pelo contrário, tem um caráter **invisível: não pode ser delimitada no tempo e no espaço**, uma vez que Ele é enviado ao **coração** de cada fiel (*Deus enviou aos nossos corações o Espírito de seu Filho, que clama: Abba, Pai!*).

8. A revelação de Deus em Jesus pressupõe a do AT. Ao menos até certo ponto, o NT pressupõe que o Deus do AT, já claramente conhecido (Deus da Aliança, o Criador de tudo e de todos e, portanto, o Deus de todos os povos), é Aquele que se revela em Jesus como “o Pai”. **O Deus do AT** é Aquele que os cristãos chamam “**o Pai**”. Em outras

palavras, o Deus que envia Jesus se identifica com o único Deus de Israel (cf. Mc 12,26.29; Mt 4,10; 1Cor 8,6; 1Tm 2,5; Jo 5,44; 17,3).

9. A paternidade de Deus se revela na missão de Jesus, o Filho. Segundo Gl 4,4-6, essa missão tem como **finalidade** levar os homens a receberem a filiação. O envio do Filho e a filiação adotiva dos homens estão em **relação íntima**: Deus, que é **Pai de Jesus**, quer ser também o **Pai dos homens**. O próprio Jesus nos introduz **na sua relação filial** com o Pai (cf. Mt 6,9).

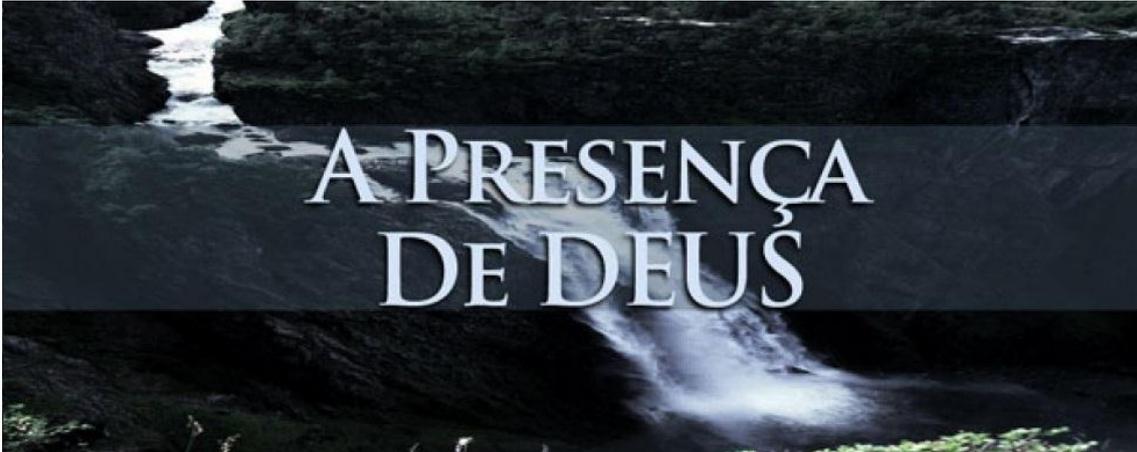
10. Entre a paternidade de Deus em relação a Jesus e a filiação dos discípulos há uma inegável **relação**. Somente porque Jesus é o Filho e o chama “Pai”, é que ele pode ensinar os discípulos a invocá-lo da mesma maneira e a viver a vida de filhos. É Jesus, o Filho, quem pode introduzir os discípulos nessa **relação paterno-filial**.

11. Mas devemos reconhecer também que a filiação divina de Jesus e a dos discípulos nunca se equiparam. Nunca encontramos no NT um “Pai nosso” no qual Jesus se incluía em igualdade de condições com os demais. Assim se manifesta, em suas palavras e em sua conduta, que a filiação de Jesus é **única e fundamento** da dos seus discípulos.

12. O Espírito Santo é, segundo Paulo, o **vínculo** que relaciona a filiação divina de Jesus e a nossa. É o mesmo Espírito que clama em nós “Abbá” (Gl 4,6; Rm 8,15). O Pai enviou o Filho (Gl 4,4, Jo 3,17; 5,23; 6,27; 17,18) e o Espírito Santo (Gl 4,6; Jo 14,16.26) no mundo a fim de nos introduzir na **comunhão que Eles vivem e são em si mesmos**. O envio no tempo do Filho e do Espírito Santo pelo Pai é o que o Catecismo chama de missões trinitárias. A importância delas para a fé é que, a partir delas, Deus nos possibilitou o acesso à salvação e à sua vida interior.

13. As missões do Filho e do Espírito manifestam na economia (atenção: revise o tema “oikonomia e theologia” do tema 13) a **distinção** na ação **comum** das Pessoas. A ação unitária e totalmente livre se dá no tempo como ação *dos Três* segundo suas propriedades pessoais. Deus vem ao encontro da humanidade, e **Se dá a conhecer assim como é em Si mesmo**. Em Si mesmo Deus é Uno e Trino, por isso age na história como um só Deus e como Três Pessoas realmente distintas. Se Deus não se tivesse revelado em sua distinção pessoal, seria impossível ao homem conhecer tal boa-nova.

14. Não é, portanto, o mero raciocínio que nos levou a chamar Deus de Pai, mas a revelação do Filho. Com efeito, revelando-se como o Unigênito, Jesus revela a dimensão única e inesperada da paternidade de Deus que a Ele se refere (Pai do Unigênito). Deus é Pai em senso único porque o é de um Filho único, ao qual assegura igualdade de divindade. **Jesus é Deus enquanto Filho do Pai**. A sua divindade abre a questão da Trindade. Exatamente porque Jesus é o Unigênito, Deus pode ser reconhecido como Pai em **um sentido novo** em relação às concepções de paternidade das religiões e da Antiga Aliança. O nome “Pai” é inseparável da revelação em seu acontecer histórico. Por isso o “manifestar e fazer conhecer o nome do Pai” sintetiza toda inteira atividade de Jesus na sua vida terrena (cf. Jo 17,6.26).



2. Presença Pessoal Qualificada

Que importância tem para nós e para nossa salvação o fato de que Deus Pai tenha enviado o seu Filho e o Espírito Santo? Deus é onipresente e está em todos os lugares. A missão trinitária é uma forma de presença nova de Deus no mundo?

Para que possamos nos dar conta da nova forma de presença no mundo que a missão trinitária nos dá, leiamos juntos um texto da pregação de Santo Agostinho:

Ainda que os dois estejam sempre juntos, um é enviado e o outro envia, pois a missão é a encarnação, e esta encarnação é somente a encarnação do Filho, não a do Pai. Por isso o Pai enviou o Filho, mas não se separou do Filho. Portanto, não enviou o Filho para um lugar, onde o Pai não estava presente (SANTO AGOSTINHO, Tract. 40,6 CCL 36,353-354).

A missão trinitária é o fazer-se visível da Pessoa divina em sua distinção própria. Ela constitui um **novo tipo de presença**, diferente da onipresença de Deus.

A encarnação é somente do Filho porque Ele é o enviado do Pai. O fato de o Pai não se encarnar mostra o que O distingue do Filho: **o Pai só envia e não é enviado**.

Podemos ainda prosseguir para refletir sobre o Filho e o Espírito Santo: **o Filho é o enviado do Pai e, junto com Ele, envia o Espírito**. O Espírito Santo, por sua vez, **só é enviado e não envia**. Em relação à missão trinitária, podemos, portanto, afirmar que esse conceito não convém ao Pai, mas só ao Filho e ao Espírito.

Além da onipresença divina, a missão trinitária é uma **presença qualificada, livre e pessoal**, no senso de uma **nova forma de presença do Filho e do Espírito no mundo**. A presença qualificada e pessoal do Filho se dá mediante a encarnação, isto é, da presença visível na natureza humana assumida pelo Verbo. A presença qualificada do Espírito consiste no dom invisível, universal, estável e verificável mediante a inabitação nos corações (1Cor 3,16; 6,19; Rm 5,5; 8,11).

Voltemos agora para os parágrafos 249-256. Vale a pena aprofundar dois temas: as relações divinas e as Pessoas divinas.

3. Relações divinas

Pai e Filho são nomes relativos, isto é, são nomes que mostram as **relações** que há entre os dois. De fato, quando nomeamos o Pai, não podemos deixar de nos referir ao Filho, e quando falamos de Filho é inevitável nos recordar do Pai.

A paternidade e a filiação são as **relações que identificam as duas pessoas**. Veja como Agostinho explica essa distinção entre o que é relativo e o que é absoluto em Deus:

O que é afinal honrar o Pai senão proclamar que ele tem um Filho? Porque uma coisa é quando te falam de Deus enquanto Deus, outra quando te falam de Deus como Pai. Quando te falam enquanto Deus, indicam o criador, o onipotente, o sumo espírito, eterno, invisível, imutável; quando te falam dele como Pai, recomendam a ti o Filho, porque Deus não se poderia chamar de Pai se não tivesse um Filho, nem Filho, se não tivesse um Pai (Tract. 19,6 CCL 36,191).

Para falar da relação que é própria do Espírito Santo, temos que enfrentar uma dificuldade maior porque o seu nome não é relativo. De fato, o nome mais comum da terceira Pessoa parece indicar mais o que é comum ao Pai e ao Filho do que uma propriedade pessoal relativa. Foi também Santo Agostinho que chamou a atenção para essa dificuldade:

O Espírito Santo é, portanto, uma espécie de inefável comunhão entre o Pai e o Filho, e talvez seja chamado assim exatamente porque este nome pode convir ao Pai e ao Filho. De fato, para ele é nome próprio o que para os outros é nome comum, porque o Pai é espírito, e espírito é também o Filho; o Pai é santo e santo também o Filho. Portanto, para que uma denominação, que convém a ambos, indique a sua recíproca comunhão, se chama Espírito Santo o dom de ambos (De Trin. V,11,12).

O caráter relativo do Espírito Santo aparece, no entanto, no nome “Dom”, que é bíblico. O NT, com efeito, usa esse termo para se referir a ele: At 2,38; 8,20; 10,45; 11,17; também Jo 14,16 sobre o Espírito “dado”.

No NT, portanto, o Espírito é de Deus e é de Cristo, **é dado pelos dois**. Com esse nome fica claro que o Espírito é dado pelo Pai e pelo Filho, que juntos constituem o princípio único da terceira pessoa. Já que é “Dom”, o Espírito Santo não procede como nascido, mas como dado, “*non quomodo natus, sed quomodo datus*” (Ib.).

As relações divinas são **reais**. Não se trata, portanto, de simples distinções lógicas. Em palavras mais simples: as Pessoas divinas não têm relações. Elas são relações em si mesmas: a relação de paternidade é o Pai; a filiação é o Filho; a espiração passiva é o Espírito Santo .

O ser humano é também um ser de relações: são as relações que ele estabelece com o mundo, com os outros e com Deus que determinam e definem o que ele é. No ser humano, porém, as relações são contingentes: primeiro é necessário que exista e depois ele pode entrar em relação. É o fato de *ser* que proporciona a possibilidade de *se relacionar*.

Isso não acontece com Deus. Diferente do ser humano, Deus não tem relações. Pelo contrário, Ele próprio é diversidade de relações reais e distintas. Mais ainda: Deus só existe nas relações: as relações divinas não são posteriores ao ser de Deus; são eternas como a própria essência de Deus. Assim, Deus não precisa existir antes de entrar em relação.

Assim entendidas, as relações explicam como a pluralidade não está em contradição com a unidade divina (o fato de serem Três Pessoas distintas não faz de Deus menos uno). De fato, as relações só se dão no âmbito da unidade divina, não fora nem contra ela. Nesse sentido, há um princípio elaborado pelo Concílio de Florença que vale a pena reter na memória: [Em Deus] tudo é um, exceto quando se interpõe a oposição da relação (*Omniaque unum sunt, ubi non obviat relationis oppositio*, DS 1.330).

Em Deus, trindade de Pessoas e unidade de essência não se contradizem. A trindade de pessoas não faz de Deus menos “Uno”, tampouco a unidade divina o faz menos “Trino”. A unidade divina não é atenuada pelas relações distintas e reais. Pelo contrário, elas próprias exprimem a unidade divina.

Resumindo.

Da geração do Filho e da processão do Espírito resultam quatro relações:

1. a relação do Pai com o Filho: geração ativa (*generare*) ou paternidade;
2. a relação do Filho com o Pai: geração passiva (*generari*) o filiação;
3. a relação do Pai e do Filho com o Espírito Santo: espiração ativa (*spirare*);
4. a relação do Espírito Santo com o Pai e o Filho: a espiração passiva (*spirari*).

Três dessas relações são realmente distintas entre si: a paternidade, a filiação e a espiração passiva. A espiração ativa, porém, se identifica com a paternidade e com a filiação e compete ao Pai e ao Filho em comum. A espiração passiva, pelo contrário, é realmente distinta de ambos (KASPER, W., *El Dios de Jesucristo*, p. 318).



4. Pessoa Divina

O que é Pessoa Divina? Como podemos defini-la? Santo Tomás define “pessoa divina” com as seguintes palavras:

Ora, em Deus a distinção não se faz senão pelas relações de origem... Mas a relação em Deus não é um acidente que pertença a um sujeito, mas é a própria essência divina. E, por conseguinte, é relação subsistente, como subsistente é a essência divina. Portanto, como a deidade é Deus, assim a paternidade divina é Deus Pai, que é uma pessoa divina. Assim, pois, a pessoa divina significa uma relação subsistente (Sth. I,29,4).

É preciso que fique claro desde o início: nessa citação, Tomás de Aquino fala de pessoa divina e não primeiramente da pessoa humana. Ele tem consciência de que a noção “pessoa” não se aplica da mesma maneira a Deus e às criaturas. Na verdade, o conceito “pessoa” se aplica a Deus de maneira exemplar e mais sublime e, ao ser humano, de maneira derivada, já que, no ser humano **a relação não se identifica com a sua natureza**. Por isso podemos distinguir o que um homem é *para outro* (em sua relação, é pai) e o que ele é *em si* (sua natureza de ser humano). A relação no ser humano é acidental.

Já **em Deus a relação não é um acidente, mas subsistente**, isto é, **a relação divina se identifica com a essência divina**; entre relação subsistente e essência divina não há distinção real, somente racional: a distinção está em nossa cabeça, mas não na realidade divina.

A distinção real só se dá quando uma relação se confronta com a sua relação oposta. Esse é o caso das relações divinas: paternidade oposta à filiação, e espiração ativa (comum ao Pai e ao Filho) oposta à espiração passiva.

Dizer que as relações são subsistentes significa dizer:

- o que Pai é para o Filho e o Espírito, o é em si mesmo. A relação subsistente da paternidade divina é o Pai: o Pai é totalmente Pai, e só Pai. Ele é em tudo um só

com o Filho e com o Espírito, exceto o ser Pai: o que o distingue do Filho e do Espírito é unicamente a relação subsistente.

- O que o Filho é para o Pai, Ele o é em si mesmo. O Filho é igual em tudo ao Pai, exceto a sua relação filial.
- O que o Espírito é para o Pai e o Filho, ele o é em si mesmo. Ele não é o Pai, nem o Filho, e a relação de espiração passiva (Ele é espirado pelo Pai e pelo Filho) constitui a Pessoa do Espírito Santo.

Entender a Pessoa divina como relação subsistente tem a vantagem de colocar o foco não na individualidade, mas na relação. **O que individua a pessoa divina é o mesmo que a relaciona com as outras.** A pessoa assim não é fechamento, mas abertura para o outro: o que a pessoa *é em si mesma* o *é para o outro*.

Na própria definição de pessoa divina, portanto, está presente a noção de abertura e de auto-doação. Em Deus, **o que diferencia coincide com o que une.** Em outras palavras, as pessoas se distinguem realmente e cada uma se distingue das outras duas muito mais do que Maria se distingue de João. Mas, enquanto entre os seres humanos a distinção nem sempre conduz à unidade, em Deus, **a distinção é o que une**, pois o que individua cada uma das pessoas divinas é exatamente a relação subsistente.

O Pai não é o Filho nem o Espírito, mas o que distingue o Pai do Filho e do Espírito é sua relação subsistente que O une a Eles. As pessoas divinas (Pai, Filho e Espírito Santo) são pessoas enquanto se relacionam. A relação não só distingue as pessoas, mas também as une; por isso a “oposição” entre as Pessoas deve ser entendida como reciprocidade.

A unidade divina não é unicidade solitária mas unidade da comunhão, autêntica unidade de Pessoas que **não somente estão em relação** mas que **são a sua própria relação** subsistente. Diversamente do ser humano, as Pessoas divinas não são primeiro e depois entram em relação. **As Pessoas divinas só são enquanto se relacionam e se doam.**

Como você pode notar, a doutrina das pessoas e das relações divinas não é mera especulação abstrata. Ela mostra que a maravilha da unidade de Deus é incompatível com a solidão. Além disso, o mistério das relações e das pessoas divinas aponta para maneiras corretas de entender e viver as relações humanas, o respeito pela individualidade e a beleza da comunhão.

Para você aprofundar e refletir

As pessoas divinas não são menos e sim infinitamente mais dialógicas do que as pessoas humanas. As pessoas divinas não só estão em diálogo, mas sobretudo são diálogo. O Pai é pura autoexpressão e alocação ao Filho, sua palavra; o Filho é todo ouvido ao Pai e, portanto, pura realização de seu envio; e o Espírito Santo é pura recepção, puro dom. Essas relações pessoais são recíprocas, mas não são intercambiáveis. O Pai é o que fala; o Filho, o que responde ou corresponde; o Pai é, mediante o Filho e com Ele, o que dá, e o Espírito Santo é o que recebe. O Filho, em sua resposta, não é o que fala, nem o Espírito Santo é o doador. Daqui não se segue que não haja um tu recíproco. A resposta obediente e a gratuidade é também um dizer “tu”,

que leva a sério a peculiaridade da própria e da outra pessoa. Isso significa que em Deus e entre as pessoas divinas há – não “apesar de”, mas por causa da sua unidade infinitamente maior – uma inter-relacionalidade e interpessoalidade infinitamente maiores que nas relações interpessoais dos homens (...).

A afirmação de que as pessoas são relações é uma afirmação sobre a trindade de Deus, mas dela se segue algo decisivo sobre o homem como imagem e semelhança de Deus. O homem não é um “ser em si” autárquico (substância) nem um “ser para si” autônomo individual (sujeito), e sim um ser que vem de Deus e ruma para ele, que vem de outros homens e vai a eles; o homem somente vive humanamente em relações eu-tu-nós. O amor aparece como o sentido de seu ser (W Kasper, *El Dios de Jesucristo*, p. 330).

Glossário

Glossário (algumas palavras que é bom conhecer)

Ousía. É o termo usado no Concílio de Nicéia I (325) para indicar a única natureza divina possuída pelo Pai e Filho (DS 125-126). O Concílio de Constantinopla I (381) afirmou a divindade do Espírito Santo (DS 150-151). O Concílio de Constantinopla III (553) explicitou que as três Pessoas divinas possuem a mesma “ousía” (DS 421). Em latim, “ousía” foi traduzido não somente por “essentia” (“essência”), mas também “substantia” (substância), termo que é muito facilmente associado à palavra grega que indica “persona” (“hypostasis”) (G. O’COLLINS & E. FARRUGIA, “Ousía” in *Dizionario sintético di teologia*, Editrice Vaticana, 1995, p. 257)

Essência. Indica a razão íntima do ser, pelo qual um ser é propriamente aquilo que é. Na doutrina trinitária a palavra é usada para indicar o elemento substancial comum às três pessoas divinas. Não se trata, porém, de uma essência universal, possuída de modo distinto das três pessoas (como, por exemplo, a racionalidade para o ser humano), mas de uma realidade perfeitamente individualizada, única e idêntica para as três Pessoas da Trindade.

Natureza. Em sua significação mais comum e conhecida, esta palavra indica o conjunto das coisas que formam o mundo, antes da intervenção humana com sua ação consciente e livre. Na filosofia e teologia indica o núcleo essencial de uma coisa ou pessoa. Enquanto a essência designa o núcleo fundamental do ponto de vista estático, a natureza o assinala do ponto de vista dinâmico. É neste sentido que costuma ser usado na teologia trinitária e vale como sinônimo de essência ou de substância, mas sempre com especial relação à ação. A natureza é aquilo que as três Pessoas têm como integralmente em comum e que define sua unidade. Esta essência indica o princípio de modificação e

de atividade (natureza, do latim nasci, nascer). A razão última da atividade reside na essência própria do ser e a razão próxima na faculdade e nas forças que lhe são inerentes. Daí o axioma “o agir segue ao ser” (*agere sequitur esse*).

Substância. Segundo a clássica definição que recebeu por Aristóteles, a substância é aquilo que é em si mesmo e não no outro. Substância é uma realidade dotada de próprio ser, que tem em si sua consistência ontológica. É o contrário de acidente, que não existe em si mas no sujeito. Costumamos distinguir duas espécies de substâncias: uma que é a essência universal, e outra que é este indivíduo singular e concreto. Assim, uma é a substância da humanidade, outra é a esta substância em João ou Maria. Na teologia trinitária o termo é empregado, analogamente, no sentido de substância individual ou singular. É usado para exprimir aquilo que é comum à três Pessoas e que, portanto, é a base de sua unidade. Dizemos que Deus é uno na substância e trino nas Pessoas (KLOPPENBURG, B., *Trindade*. Petrópolis, Vozes, p. 115-116).